

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO COMBATE À (DES)INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO EROTISMO NA OBRA *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Regilsom Magalhães da Silva Júnior ¹

Jackeline Sousa Silva ²

RESUMO

A falta de educação sexual, primordialmente no âmbito familiar, implica na opção de crianças e adolescentes tirarem suas dúvidas em fontes inadequadas, assim como é retratado no livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, no qual o protagonista, por falta de orientações consistentes, acaba sendo acometido por uma doença sexualmente transmissível (DST). Este artigo tem como objetivo examinar a influência do meio social na instrução sexual do grupo etário mencionado, contrastando traços eróticos presentes no romance com questões da contemporaneidade e à luz de fundamentação teórica. O referencial teórico-metodológico é constituído por pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos e livros que abordam o desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, como também a influência do meio social no processo de educação sexual dos menores de idade. Será utilizada, também, a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), cujos dados serão extraídos do livro de José Lins do Rego (2003), e analisados sob abordagem qualitativa. Constatamos que, desde a época em que se passa a história, já existia o receio de se conversar entre responsáveis e menores a respeito da sexualidade, além de pensamentos machistas e patriarcalistas relacionados à atividade sexual, a exemplo da atuação do grupo de amigos, na obra em estudo. Em consequência, percebemos que o comportamento do grupo etário mencionado resultou na iniciação de prática lasciva precoce, o que, na prática, poderia ser influenciado, positivamente, por meio da educação sexual.

Palavras-chave: Educação sexual, Menino de Engenho, Erotismo.

INTRODUÇÃO

A educação sexual de crianças e adolescentes ainda é um assunto que gera polêmica no território brasileiro, mesmo sendo um conhecimento que tem entrado nas discussões educacionais como uma pauta essencial na formação do ser humano. Por isso, o trazemos como foco desta pesquisa, e o discutimos à luz de uma obra literária, que faz parte dos clássicos da literatura brasileira, também tão necessária de estar presente no cotidiano escolar.

Iniciamos por definir a educação sexual, de forma sucinta, como o ato de ensinar sobre o corpo humano e seu funcionamento, indicando quais partes podem ou não ser

¹ Graduando do Curso de Letras/Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas da Universidade Estadual do Ceará - UECE/Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI, regilsom.junior@aluno.uece.br;

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Professora da Educação Básica do município de Acopiara-CE e Professora da Universidade Estadual do Ceará, jackelines.silva@uece.br.

tocadas por outros indivíduos e, outrossim, busca esclarecer dúvidas relacionadas à sexualidade que um sujeito ou uma coletividade venha a ter, além de outros ensinamentos que cooperam com a formação humana e cidadã. Para o Centro de Referência em Educação Integral (2019), a educação sexual ou educação em sexualidade traz uma definição mais abrangente, uma vez que abarca conhecimentos sobre saúde, corpo humano, identidade, sentimentos, bem-estar, consentimento, responsabilidade, autoproteção e limites de toques, visando prevenir a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Sob esse viés, esta pesquisa faz uma análise sobre os pontos de eroticidade apresentados na obra literária *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, na qual o protagonista, sem receber nenhuma orientação por parte dos familiares a respeito da temática, acaba por vivenciar práticas voluptuosas em idade ainda bem precoce.

Este estudo tem como objetivo geral examinar a influência do meio social na educação sexual de crianças e adolescentes, contrastando traços eróticos presentes no romance com questões da contemporaneidade e à luz de fundamentação teórica. Quanto aos objetivos específicos, buscamos: analisar, criticamente, a obra *Menino de Engenho*, evidenciando a presença de erotismo; relacionar excertos que apresentam traços eróticos à educação sexual, ou à falta dela, na vida de crianças e adolescentes da hodiernidade.

A metodologia deste trabalho se enquadra na abordagem qualitativa e se configura como pesquisa bibliográfica, pois nela são discorridos sobre aspectos do desenvolvimento humano encontrados em artigos científicos e livros, que dialogam com a obra de José Lins do Rego (2003).

Esperamos, com a realização desta pesquisa, que os assuntos abordados gerem reflexões no que concerne à formação sexual recebida pelas crianças e adolescentes que, assim como Carlinhos - protagonista da obra analisada, procuram, em decorrência de seu crescimento fisiológico, conhecer seus corpos, desejos e a si mesmos.

METODOLOGIA

Nesta seção, expomos o percurso metodológico seguido para a elaboração deste artigo, o qual definimos inicialmente como uma pesquisa de abordagem qualitativa, visto tratar-se de uma análise literária, que dispensa dados numéricos e enfatiza a relação entre o enredo da obra lida e a temática discutida.

A partir das técnicas de procedimento utilizadas para sua construção, este estudo se define como bibliográfico e documental. Na pesquisa bibliográfica, serão apresentados estudos contidos em artigos científicos e livros que abordam o desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, como também a influência do meio social no processo de informação sexual do grupo etário anteriormente citado. Contudo, optamos por não inserir os resultados das leituras teóricas em seção separada, mas de forma integrada aos resultados extraídos da pesquisa documental, na qual serão analisados e discutidos trechos do romance literário, de modo a fundamentar a discussão ali desenvolvida.

Utilizamos, também, a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977), que constou da seguinte sequência: a) pré-análise - compreendida como a organização do conjunto de ideias que constitui o corpus; b) exploração do material - consiste no confronto das concepções e na identificação de traços congêneres; c) tratamento dos resultados – avaliação e detalhamento das exposições.

Por fim, todos os procedimentos expostos acima são considerados pertinentes, tendo em vista a análise que resultou na confecção dos resultados e discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa bibliográfica, entrelaçados com os achados da pesquisa documental, uma vez que fazemos a análise da obra, fundamentando-a no que dizem os pesquisadores – Papalia *et al.* (2006), Taquette *et al.* (2004) e outros, que têm discutido essa temática. Dessa forma, à luz da teoria abordada por essas e por outros autores, faremos colocações pertinentes aos trechos que analisaremos, extraídos da obra em estudo.

A partir do enredo literário, destacamos, *a priori*, que Carlos de Melo ou Carlinhos, foi enviado para o engenho de seu avô materno após uma tragédia que acarretou a morte de sua mãe, que foi assassinada pelo próprio marido - e pai de Carlinhos. No decorrer de suas vivências no campo, Carlinhos vai se adaptando à sua nova casa, correndo de cima para baixo com os moleques e aprendendo os costumes daquela gente, narrando constantemente em tom nostálgico seus descobrimentos de infância.

Por meio da curiosidade de menino, o personagem foi inserido de maneira precoce no contexto da sexualidade. Carlinhos era um garoto muito calado e, por isso, seu personagem quase não tem fala no decorrer da história, todavia, narra bastante visto ser narrador-protagonista. Por conta disso, demonstra ser um excelente ouvinte e observador

e aparenta ter facilidade para entrar no mundo da luxúria de forma inapropriada. E contraposição a essa apresentação do narrador, Oliveira e Delgado (2006, p. 125) defendem que “quem narra *Menino de Engenho* não é o menino Carlinhos, mas o homem Carlos de Melo, que, adulto, contempla e reconstitui, com certa melancolia nostálgica, o próprio passado” (grifo nosso).

É importante salientar a influência que tem o meio em que o menino se situa, pois era um espaço em que as pessoas viam a questão da relação libidinosa como algo banal, além de torná-la elemento enaltecido da autoestima dos indivíduos do sexo masculino, como no trecho mencionado a seguir:

Mas não fez o barulho que eu esperava. Para estas coisas o velho olhava por cima. A sua vida também fora cheia de irregularidades dessa natureza. Quando brigou com o tio Juca por causa da mulata Maria Pia, ouvi a negra Generosa dizendo na cozinha:

- Quem fala! Quando era mais moço, parecia um pai-d'égua atrás das negras. O seu Juca teve a quem puxar (Rego, 2003, p. 99).

No trecho acima, fica comprovado que os atos do menino relacionados à lascividade se dão por influência dos próprios parentes, afinal, tanto o avô como o tio tinham seus históricos manchados por correrem atrás das escravas para usá-las como objeto de prazer e saírem impunes disso, o que interfere na formação dada ao garoto. Na obra, percebemos que os familiares mais velhos de gênero masculino do menino não o ensinavam de forma explícita como se procede o ato sexual, contudo, ao escutar coisas a respeito deles, ao examinar suas posturas, já se cria um peso sobre a mentalidade do menino, no qual ele copia os atos assistidos e os põe em prática. Com relação a isso, é possível citar o que diz Libâneo (2006, p. 17):

Através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social. Tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados pelas novas gerações.

Esse pensamento corrobora que o meio social tem grande influência nas atitudes do menino, sejam elas boas ou ruins. Por intermédio da escuta e da observação, Carlinhos vai consumindo as experiências e comportamentos transmitidos pelo meio social que o rodeia, constituindo um repertório cultural que vai desde as histórias encantadoras

contadas pela Velha Totonha até os ensinamentos sem escrúpulos dados pelo personagem Zé Guedes, que ao serem assimilados, compõem a prática social de Carlinhos. Em relação a isso, cabe argumentar, ainda, que o fator da hereditariedade pode ter implicado na introdução de Carlinhos no mundo erótico, de modo precoce.

Sob esse viés, Taquette *et al* (2004, p. 21) ressalta, veementemente, a importância de que “todo trabalho de orientação em sexualidade e promoção de saúde inclua a família e a prevenção do uso de bebidas alcoólicas e drogas. Estratégias necessitam ser criadas para que se favoreça uma maior comunicação entre pais e filhos”. Nesse sentido, é fundamental o envolvimento dos genitores na vida sexual dos filhos, pois os pais devem ser os primeiros a instruírem os adolescentes na educação sexual, estando disponíveis a escutar, dialogar e ensinar.

No caso do romance, Carlos de Melo está sob os cuidados do avô materno, o que não o impede de empenhar-se para formar o neto de maneira adequada. Vale ressaltar uma postura atribuída aos antigos alusiva aos namoros, muitos idosos relatam que na sua época, quando iam namorar, o rapaz ia para a casa dos sogros e não se tinha a oportunidade do casal se tocar como nos namoros vistos hodiernamente. Naquele contexto, a moça sentava-se num canto e o rapaz no outro, deixando uma distância considerável, sem contar que o pai da moça ficava a todo tempo no mesmo cômodo que o casal. Pensando nisso, pode se indagar: Se naquela época era assim, então por que Carlinhos tinha essa liberdade toda relacionada à atividade sexual?

Ademais, também vem desde os tempos mais antigos o patriarcal pensamento de que os homens devem ter mais liberdade enquanto das mulheres é exigido maior recato. Essa linha de pensamento conflui com o fato de Carlinhos ser menino, ou seja, ser do sexo masculino. Outra questão a ser apontada é que as pessoas com quem Carlinhos se relacionou sexualmente eram pessoas já mal vistas pela sociedade, habituadas a serem tratadas como objetos sexuais e não como seres humanos.

Como já foi dito inicialmente, o avô e o tio de Carlinhos também aprontavam assim como ele, todavia, a mentalidade muito machista de que homem tem que ser namorador mesmo, era tida como uma forma de exaltar a masculinidade. Por outro lado, no caso de Zefa Cajá, que era mulher, esta não era exaltada, ao contrário, era motivo de chacota e desprezo perante a sociedade, sendo considerada uma mulher da vida.

Ao nos situarmos na realidade das crianças da sociedade atual, notamos que, para muitas crianças, falar sobre namoro não é algo constrangedor, mas evidentemente, falando dele como algo romantizado, como uma coisa bonita de se sentir. Já na

adolescência a imagem do amor é desconstruída para muitos, esse sentimento já é remetido ao ato libidinoso, fazendo piadas disso, como se fosse uma brincadeira.

Com o protagonista da obra, não foi diferente. Há um capítulo em que ele se apaixona por uma prima vinda do Recife, aos oito anos de idade, e vai narrando sua história de amor de uma maneira poética, típica de quem está apaixonado: “Procurávamos a sombra dos cajueiros para os nossos colóquios. Havia folhas secas pelo chão, como um grande tapete cinzento, que rangiam nos pés. E o cheiro gostoso da flor do caju chegava até longe” (Rego, 2003, p. 81). No trecho, observamos a leveza que o narrador personagem utiliza para descrever o cenário que ele e sua amada buscavam para passarem o tempo juntos, poetizando a narrativa com metáforas.

Há também outra passagem, na qual ele descreve o beijo dado em sua amada: “Uma ocasião, depois que ela terminou uma fita de dois namorados deitados na relva, nos braços um do outro, eu peguei Maria Clara e beijei-a forte na boca. Corri como um doido para casa, com o coração batendo” (Rego, 2003, p. 82). Na narração percebemos que Carlinhos age pelo calor do momento. Ao terminar de assistir um filme romântico com a menina pela qual está apaixonado, de forma inocente, beija-a forte na boca, o advérbio de intensidade destaca a euforia sentida pelo protagonista, talvez por estar nervoso com o seu primeiro beijo, que fez o menino correr de felicidade.

Carlinhos estava todo apaixonado, vivia sonhando e todo envergonhado na presença de Maria Clara, e esta, volta para o Recife toda risonha, enquanto o coitado do menino, todo iludido, fica sofrendo com a despedida: “As lágrimas chegaram-me aos olhos, e disparei num choro que não contive [...]” (Rego, 2003, p. 83). Nesse ponto, é perceptível o sofrimento do narrador-personagem, comum quando se trata de uma desilusão amorosa, sobretudo, na idade de Carlinhos, já que foi a primeira vez que ele passou por essa experiência. A essa altura, abrimos um parêntese para associar essa dificuldade de lidar com frustrações, especialmente de cunho amoroso, à realidade nessa faixa etária, sobretudo devido à imaturidade, o que leva a intenso sofrimento e maneiras diversas de lidar com esse sentimento.

Na obra, o autor ainda aborda o fato de crianças e adolescentes buscarem aprender o que é mais fácil. Isso se aplica ao fato de que, desde pequeno, o ser humano tem interesse na praticidade, o quanto mais cômodo melhor, quem diz isso é o próprio Carlinhos: “[...] E na meia hora que ficava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros” (Rego, 2003, p. 31). Nesse trecho, Carlos de Melo fala sobre o que

aprendia na companhia do personagem Zé Guedes, que contava para o moleque todo tipo de histórias eróticas, sem receio algum de contar suas intimidades para o garoto, ao que este correspondia com atenciosa escuta. Essa recíproca evidencia o naturalismo com o qual Zé Guedes desenvolvia suas histórias, deixando o menino curioso e prazeroso em aprender mais.

Vale destacar, também, a importância da prevenção nesse processo de aprendizagem. Nesse âmbito, Zé Guedes não falava apenas dos seus momentos de prazer, mas além disso, conversava acerca das doenças que podem ser acarretadas pelo ato sexual: “[...] E nome por nome, ele dava de todas as doenças: cavalo, mula, crista-de-galo” (Rego, 2003, p. 31). O que se passa no excerto é o que falta, em diversos casos, na vida dos adolescentes: uma conversa franca acerca dos mistérios lascivos.

Quanto a esse assunto, Taquette *et al* (2004, p. 20) argumenta: “[...] Em geral, a atividade sexual inicia-se sem clareza suficiente entre o que se deseja e a influência sofrida pelos pares e pela sociedade [...]”. Em culminância com a realidade vivenciada por Carlinhos, o fragmento anterior deixa explícito que os adolescentes são inseridos antecipadamente na atividade voluptuosa sem ter conhecimento suficiente sobre seu desejo e a influência advinda da sociedade.

Nesse viés, a escuta é essencial para esclarecer a relação entre a decisão de ter o ato sexual e a capacidade de lidar com as consequências dessas decisões. A família deve buscar aconselhar e não deixar essa tarefa apenas para a escola ou os órgãos de saúde, mas os adolescentes também precisam perder a insegurança e procurar informar-se sobre educação sexual. Somente a escuta não basta, é preciso que da mesma forma que os familiares conversam, também demonstrem empatia pelos adolescentes, transmitindo-lhes segurança, para que não tenham vergonha de expressarem suas dúvidas com alguém de confiança, evitando assim, uma gravidez despreparada ou alguma doença que possa vir a acometê-los.

Ainda sobre os ensinamentos do Zé Guedes, Carlinhos afirma que certa vez viu o próprio entrando na casa de uma negra e ficando lá dentro por bastante tempo. O garoto também explica como o amigo ministrava suas aulas de sexo: “[...] O que Zé Guedes nos contava dele com as Zefas, os touros e as vacas nos faziam entrar pelo entendimento. Era ali um bom campo de demonstração. No cercado dos engenhos o menino se inicia nesses mistérios do sexo, antecipando-se por muitos anos no amor” (Rego, 2003, p. 32). Em síntese, a forma com a qual Zé Guedes instruía os meninos não era a mais adequada, no entanto, era por intermédio dele que os garotos tomavam ciência da atividade sexual.

Em outro fragmento do livro, é narrado que Carlinhos encontrou umas revistas pornográficas no quarto de seu tio e as via sem nenhum receio, pegando-as e folheando-as sempre que seu tio saía. Baumel *et al.* (2019, p. 136) relata sobre as causas que levam ao consumo da pornografia grande parte dos adolescentes:

Entre os homens, o principal motivo apresentado foi a satisfação pessoal, para ter prazer, relaxar e se masturbar. Alguns apontam benefícios ao relacionamento, como estímulo e variação do ato sexual, ou ainda um aprendizado incitado pela curiosidade e pela diversidade de situações apresentadas.

Nesse caso, podemos presumir que Carlinhos via com imprudência aquelas imagens por questão de curiosidade. O tio do menino saía e dizia para o mesmo não mexer nas revistas e, como é típico do comportamento de criança, ele fez o contrário. Depois, quando o tio pegou o menino em flagrante, em vez de ele ter conversado com o menino explicando-lhe o porquê de não poder ver aquele conteúdo, o tio expulsa-o do quarto e não o deixa mais entrar no cômodo. No entanto, logo depois, Carlinhos narrou sentir saudades de ver aquelas imagens obscenas. Ressaltamos, com isso, o prazer que a pornografia pode despertar no ser humano e, ao mesmo tempo, os problemas psicológicos que podem ser acarretados na criança por conta desse contato precoce, pois impulsiona um amadurecimento antecipado, além da possibilidade de criar-lhe o hábito de consumir esse tipo de material.

Vale ressaltar, novamente, a influência do espaço e dos demais personagens sobre a postura de Carlinhos, pois, além de Zé Guedes, havia os meninos que residiam na senzala para ensinar sobre sexo: “[...] E nos iniciavam nas conversas picantes sobre as coisas do sexo. Por eles, comecei a entender o que os homens faziam com as mulheres, por onde nasciam os meninos. Eram uns ótimos repetidores de história natural” (Rego, 2003, p. 50). É perceptível, no excerto, que na convivência com os meninos da senzala, Carlinhos adquiriu os saberes sobre sexo, que para os meninos era algo negligenciado e impregnado em seu cotidiano. Logo depois, o protagonista destacou que faziam de um quarto uma espécie de jardim de infância da libertinagem, demonstrando a zombaria que faziam do assunto.

Na obra *Desenvolvimento Humano*, é tratada essa questão da influência do grupo social ao qual se está inserido como algo influenciável no comportamento. Para Papalia *et al.*, (2006, p. 406), “o grupo de amigos também pode ter efeitos negativos. Para ser parte de um grupo de amigos, uma criança deve aceitar seus valores e suas normas de

comportamento; ainda que estes possam ser indesejáveis, as crianças podem não ter força para resistir”. Essa situação se reflete no romance de Rego (2003), pois, na maioria das vezes que Carlinhos ia cometer alguma de suas peraltices, era com o grupo de amigos que ele estava. Inclusive, como já foi mencionado, nas aulas sobre sexo que tinha com Zé Guedes, os amigos de Carlinhos também se faziam presente, além de muitos deles serem os principais protagonistas das conversas eróticas.

A partir dos acontecimentos citados acima, é possível provocar uma reflexão: A atitude de Carlinhos e dos outros meninos pode ser considerada correta? O fato é que, nessa fase da vida, é normal que o ser humano investigue mais sobre si e tenha a iniciativa de descobrir e questionar. No entanto, o problema está no fato de crianças e adolescentes buscarem informações nas fontes inapropriadas, consequência advinda, muitas vezes, do receio de se ter uma conversa sem tabus com os responsáveis ou com alguém que entenda realmente do assunto. Essa atitude omissa, por parte dos adolescentes, é justamente causada pelo medo de serem repreendidos pelos responsáveis, pela falta de confiança e de escuta, por serem barrados pelo tabu de que sexo é algo hediondo, ou, ainda, como um grave pecado.

Há outros motivos que condicionam os adolescentes a não dialogarem com seus pais a respeito de questões eróticas. Papalia *et al.*, (2006, p. 403) também aborda sobre isso quando indaga: “Por que as crianças suprimem as emoções? O motivo mais comum é a autoproteção – evitar zombaria ou rejeição. Outro motivo é o de não perturbar outra pessoa”. Essas questões são cruciais no processo de diálogo entre crianças e adolescentes e seus responsáveis, pois a falta de empatia por um questionamento que tenha sido expresso pelos jovens aprendizes fará com que eles não se sintam seguros para voltar a fazê-lo, quebrando o elo de confiança, além de ocasionar um sentimento de desvalorização.

No decorrer de seu crescimento físico, o menino Carlos de Melo vai aprofundando seus desejos sexuais e conhecendo mais a respeito de seu corpo, sendo que, diante desses fatores, ele lida com uma espécie de depressão, como é possível encontrar nos trechos: “Era um menino triste. Gostava de saltar com os meus primos e fazer tudo o que eles faziam. Metia-me com os moleques por toda parte. Mas, no fundo, era um menino triste” (Rego, 2003, p. 58), e em “Essas preocupações de doença, começadas na infância, iriam ser uma das torturas de minha adolescência” (Rego, 2003, p. 85). Diante do contexto da fase de crescimento e de outras mudanças repentinas acarretadas com a saudade dos pais,

o garoto acaba caindo em tristeza, buscando métodos de fuga dos pensamentos e realidades difíceis.

Para Sousa *et al.* (2006), as novas vivências obtidas com a chegada da adolescência podem ativar sentimentos de medo e insegurança, pois como o sexo é uma novidade na vida do indivíduo, este propende a se relacionar sexualmente mais cedo, até pela pressão do grupo social no qual está inserido. A afirmação da autora se configura com as últimas passagens do romance, devido às mudanças na vida do menino causadas tanto pela morte da mãe e prisão do pai, quanto pelas transformações naturais ocorridas na fase de crescimento e na convivência com o grupo de amigos.

Todos esses fatores contribuem para o resultado apresentado nos últimos capítulos, no qual Carlinhos começa a praticar a masturbação e, mesmo sendo menor de idade, passa a se relacionar sexualmente com Zefa Cajá em segredo, ocasião em que o próprio menino narra que, ao começar a ir atrás dela, sentia uma mistura de medo e vergonha.

Nas últimas páginas da obra, é narrado a descoberta das intimidades entre o protagonista e Zefa Cajá, mostrando como seus atos o tornaram conhecido pelos moradores da região, como mostram os seguintes excertos:

— Menino danado!” (Rego, 2003, p. 99);

Os senhores de engenho tomavam deboche de mim, dando-me confiança nas suas conversas. Perguntavam pela Zefa Cajá, chamavam-na de professora” (Rego, 2003, p. 99);

— Puxou ao avô! (Rego, 2003, p. 99);

A doença-do-mundo me operara uma transformação. Via-me mais alguma coisa que um menino; e mesmo já me olhavam diferente. Já não tinham para mim as condescendências que se reservam às crianças. As negras faziam-me de homem. Não paravam as conversas quando eu chegava. Enxeriam-se (Rego, 2003, p. 100).

Os fragmentos textuais acima exibem a maturidade precoce à qual o narrador-personagem foi submetido após desvendarem que o menino havia contraído uma doença sexualmente transmissível e Zefa Cajá ser detida. Essa situação, no contexto social de hoje, seria enquadrada, à luz da legislação, como crime de pedofilia. No contexto da obra, as pessoas levaram aquela situação na brincadeira – sem contar que era comum que os meninos tivessem sua iniciação sexual com as mulheres mais velhas; os senhores de engenho, além de debocharem, ainda permitiam que o menino participasse de conversas inconvenientes. O próprio Carlinhos já se via como alguém mais velho, adiantando seu desenvolvimento humano, acarretando mais traumas para seu futuro. A partir daí, o

menino ficou mais liberto do que já era, envaidecendo-se com sua fama de *homem* que se expandia, brincando de fazer amor por onde ia:

Agora o engenho oferecia-me o amor por toda a parte: na senzala, na beira do rio, nas casas de palha. Os moleques levavam-me para as visitas por debaixo dos matos, esperando a vez de cada um. Na casa-grande os homens achavam graça de tanta libertinagem” (Rego, 2003, p. 100).

Como observado acima, os homens achavam essa realidade algo vantajoso. O ego deles, além de envaidecer a si mesmos e aos meninos, também servia de motivação para que os garotos continuassem brincando de fazer sexo. O próprio Carlos de Melo conta que parecia um “cachorro no cio”, pois a todo o tempo buscava se satisfazer sexualmente. Cabe ainda destacar o tratamento dado a Carlinhos pelos meninos da senzala, que o engajaram mais em suas atividades eróticas.

Depois de tanta libertinagem, os responsáveis pelo menino o enviaram a um colégio interno, como se a escola fosse um “posto de milagres” e, em nenhum momento é apresentado um diálogo entre o menino e sua família, sendo que essa era para ser a primeira a conversar e educar o garoto devidamente. É importante considerar que, na época em que se passa a história, os pais tinham mais receio de tratar desses assuntos, assim como nos tempos atuais ainda existem famílias em que este tabu ganha predominância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos observados no desenvolvimento deste estudo corroboram que, desde a época em que se passa o romance *Menino de Engenho*, já existia o receio de se conversar entre responsáveis e menores a respeito da sexualidade. Ademais, fica perceptível a influência do grupo social no comportamento do protagonista, que, envolto pela cultura machista empreendida pelo avô e tio e, ainda, pelos senhores de engenho, acaba compreendendo a atividade sexual como um ato honroso para o homem. Vale ressaltar, também, a negligência com a qual a sexualidade era tratada por amigos e outros personagens que convivem com Carlinhos.

Outrossim, é cabível dizer que estes e outros fatores ainda repercutem na vida das crianças e adolescentes nos dias atuais, ocasionando gravidez precoce ou doenças sexualmente transmissíveis (DST's), o que pode se dar pela (des)informação –

informações ausentes ou errôneas, que poderiam ser sanadas a partir de intervenção adequada da família ou de responsáveis pelos menores.

Por fim, almejamos que a presente pesquisa possa ser ponto de partida ou fonte de pesquisa para outras vertentes referentes ao tema, e contribua para o enriquecimento da comunidade científica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo; SILVA, Priscilla de Oliveira Martins da; GUERRA, Valeschka Martins; GARCIA, Agnaldo; TRINDADE, Zeidi Araujo. **Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências**. SCIELO, 2019. Artigos. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Centro de Referências em Educação Integral. Glossário: Educação Sexual. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-sexual/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Ilse Leone Borgs Chaves de; DELGADO, Andréa Ferreira. Memória e tessitura da narrativa: uma experiência escolar de leitura. *Revista Solta a Voz*, v. 17, n. 2, 2006. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/635fcd52-aba6-4834-8f32-8222999d30ad/content>. Acesso em: 16 jul. 2024.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. São Paulo; Artmed editora S. A, 2006.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2003.

SOUSA, Leilane Barbosa; FERNANDES, Janaína Francisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Sexualidade na adolescência**: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. SCIELO, 2006. Artigos Originais. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000400007>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

TAQUETTE, Stella R. et al. Fatores associados à iniciação sexual genital: estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Rev Adolescência e Saúde da UERJ**. Órgão oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente HUPE/UERJ. V. 1, n. 1, p. 17-21 (jan./Mar. 2004). Rio de Janeiro: Diagraphic, 2003.